

Ambos aguardávamos há muito por esse momento. Entre o ritmo grave dos tambores, o bafo quente da multidão e o som estridente dos flashes das máquinas fotográficas anónimas, lá conseguimos romper a barreira física dos corpos e espreitar pelo vidro da nova casa. Havia um aglomerado daquilo que pareciam ser pessoas importantes, individualidades, todos muito altos e bem vestidos, demasiados singulares para partilharem do desassossego que nos percorria. A expressão de seus rostos maquilhados indiciava conquista, uma alegria desmedida que facilmente se alastrou a quem mirava o espectáculo. Queríamos saltar lá para dentro, mergulhar nessa outra multidão que distanciava agora pela translúcida parede.

Estava frio nessa tarde de 14 de Dezembro de 2007 e ainda por cima saímos de casa à pressa e mal agasalhados, eu, o meu irmão Joca de nove anos e a nossa irmã Maria de seis. Queríamos ver, tocar, cheirar e sobretudo percorrer todas as estantes da nova Biblioteca Municipal Ferreira de Castro. Uma vizinha que mora perto de nossa casa, a dona Amélia, tinha dito uma semana antes à nossa mãe (só minha mãe e do Joca, porque a Maria não era sua filha biológica, mas fruto de um relacionamento entre o nosso pai e uma mulher que eu nunca quis conhecer), que iam dar bolo e prendas para as crianças. Também disse que o presidente da república ia estar presente – o Joca e a Maria acreditaram mas a idade dizia-me que isso eram tretas, coisas que o povo gosta de atirar para o ar e espalhar.

A mim não me interessavam os bolos e as prendas, o que me moviam eram as histórias e as imagens dos livros, em especial um que uma amiga tinha em casa e que eu sabia com a certeza absoluta que estaria na biblioteca. Quando a Joana me deu a ler “a lenda da bruxa de rio de ossos”, na minha cabeça fez-se luz, eu sabia que a lenda era verdadeira, eu conhecera a bruxa e tudo começou a fazer sentido. Só podia ser ela, eu sabia que era ela!

Sem estarmos à espera veio o segurança da biblioteca à porta: - *têm convite?* Disse o que me veio à cabeça: - *sim, temos! Mas parece que ficou em casa... não o encontro, isto das pressas...* Reparei de imediato que ele não acreditou numa única palavra, mas com aquele sorriso de quem sabe que está a ser enganado, disse: - *vá, entrem lá os três.* Já lá dentro, ensanduichados numa espécie de pangeia humana, reparei que o segurança tinha um piercing no nariz e faltavam-lhe dois dedos da mão esquerda cortados pelas falanges. Nada de muito atípico, na verdade o que me chamara a atenção estava a pender para fora do bolso dele, uma espécie de porta-chaves em formato de *Triskele*, um símbolo celta que representa as tríades da vida em eterno movimento e equilíbrio (nascimento, vida e morte... corpo, mente e espírito... céu, mar e terra). Esse símbolo nunca saía da minha cabeça, eu vira um igual em

1983 quando entrei naquele escuro e inqualificável quarto, para onde a bruxa de rio de ossos me levou.

De repente fez-se silêncio. Um homem vestido de padre disse umas palavras inteligíveis, todos se benzeram e foi descerrada uma placa de inauguração. As palmas emergiram ensurdecedoras, o eco dos grandes edifícios penetrou como uma agulha pelos meus tímpanos e por momentos desejei fugir dali. A Maria apertou-me a mão e encostou-se à minha perna. O Joca batia palmas euforicamente como se estivesse hipnotizado – duvido que tenha tido consciência do que se estava ali a passar.

E passei, arrastado por desconhecidos, para a secção infanto-juvenil da biblioteca, as estantes começaram a ficar cada vez mais baixas, cheirava a novo e a velho, cheirava a metal e a cimento, cheirava a madeira e a um indeterminado e interminável compêndio de fragrâncias. Havia computadores, cadeiras, mesas, sofás, televisões, e claro... livros. – *LIVROS!!!* Disse eu em voz alta, mas não mais alta que as vozes que se ouviam, não tão alta que fizesse alguém olhar para mim. E à medida que fomos andando fui procurando com o olhar, tentando tirar a radiografia aos livros, eu conhecia o formato e as cores daquilo que procurava. Um exemplar compacto, negro, com o título a branco na lombada e na página principal dizendo “a lenda da bruxa de rio de ossos”. Foi então que a Maria deixou cair o pacote de lenços de papel, quando me baixei para apanhar, encarei com um livro debaixo da estante, puxei-o e nem queria acreditar... ali estava ele, aquele que me movera até ali.

Suou o alarme, as pessoas olharam-se em silêncio durante dois segundo e desataram a correr, gritando e em pânico. Eu olhava para todo o lado mas não via o Joca. Agarrei na Maria e no livro e tentei correr mas sem sucesso. A saída estava bloqueada, uns seis ou sete homens abalroaram-nos completamente e saíram protegendo um homem alto e esguio que eu já tinha visto em algum lado, mas... seria possível? Era o presidente da república! Tentei seguir atrás mas foi impossível, era como remar contra uma parede. A Maria começou a chorar. Decidi sair pelas traseiras, remando novamente mas contra a maré, o que curiosamente foi mais fácil. Antes de chegar a uma porta de emergência encontrei o Joca e trouxe-o por arrasto. Arrisquei uma saída forçada.

Senti os olhos pesados e forcei-os a abrir. Nada. Insisti e as pálpebras permitiram uma pequena brecha de onde foi possível denotar uma sombra - *Onde estou?* Perguntei. – *Estás no Hospital de Oliveira de Azeméis.* Respondeu-me uma voz feminina. Podia ter perguntado o que aconteceu, podia ter questionado sobre os meus irmãos, sobre o que tinha, mas a minha boca venceu a capacidade de raciocínio e perguntei: - *Onde está o livro?*